

**Crônica Romântica de Adeus ao Roadway ( Pe. Luís Ruas )**



Posto que, sendo porto,  
Sempre foste caminho de partida  
Ou barco de ferro e pinho  
Que os ingleses ancoraram  
Nas margens do rio Negro.

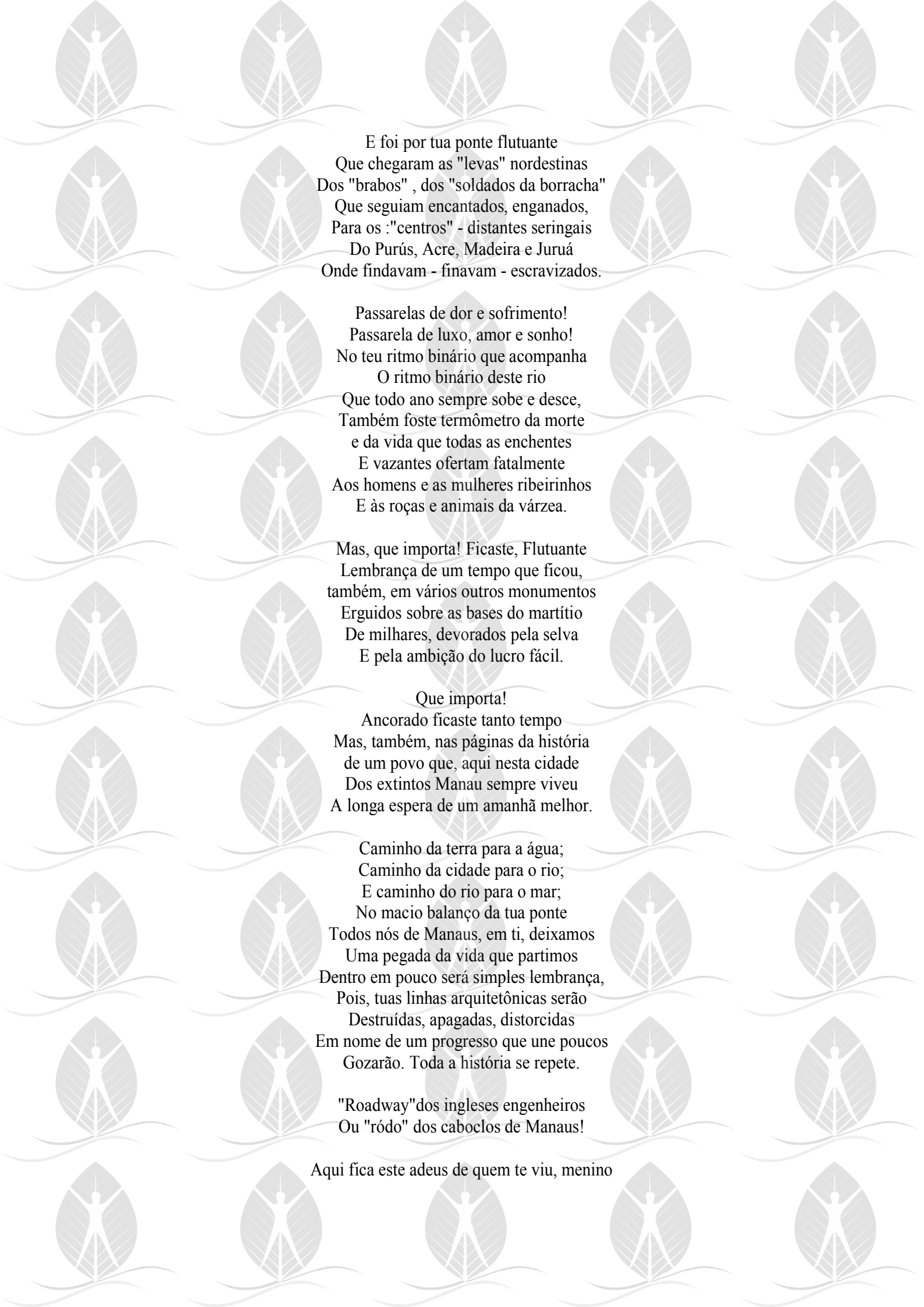
Era "roadway" britânico caminho  
Flutuando  
Nas índias águas do rio  
Que viu, espantando, surgir  
No meio da selva bruta  
Onde ainda ecoavam nítidos  
Os rudes sons dos Manaus,  
Uma clareira de sonhos,  
De látex e de libras esterlinhas.

Foste "roadway" e ródio"

Mas, posto que sempre foste  
Porto - caminho de partida  
Também foste caminho de chegada.  
(De chegada mais, talvez, que de partida).

Pela ponte de pinho  
Louro e de negro ferro  
Legiões de marujos desfilaram  
E de artistas, empresários e turistas  
De além - mar chegados, fascinados  
Pelo encanto da floresta - mãe  
Onde se arrancava da tetas vegetais  
O leite branco que se mudava em ouro

Francesas, espanholas e polacas,  
Para gozar nas camas dos bordéis  
O ouro fácil em que se transmutara  
o sangue, o suor, a febre delirante  
Dos seringueiros - párias do Nordeste.



E foi por tua ponte flutuante  
Que chegaram as "levas" nordestinas  
Dos "brabos", dos "soldados da borracha"  
Que seguiam encantados, enganados,  
Para os "centros" - distantes seringais  
Do Purús, Acre, Madeira e Juruá  
Onde findavam - finavam - escravizados.

Passarelas de dor e sofrimento!  
Passarela de luxo, amor e sonho!  
No teu ritmo binário que acompanha  
O ritmo binário deste rio  
Que todo ano sempre sobe e desce,  
Também foste termômetro da morte  
e da vida que todas as enchentes  
E vazantes ofertam fatalmente  
Aos homens e as mulheres ribeirinhos  
E às roças e animais da várzea.


Mas, que importa! Ficaste, Flutuante  
Lembrança de um tempo que ficou,  
também, em vários outros monumentos  
Erguidos sobre as bases do martírio  
De milhares, devorados pela selva  
E pela ambição do lucro fácil.

Que importa!  
Ancorado ficaste tanto tempo  
Mas, também, nas páginas da história  
de um povo que, aqui nesta cidade  
Dos extintos Manau sempre viveu  
A longa espera de um amanhã melhor.

Caminho da terra para a água;  
Caminho da cidade para o rio;  
E caminho do rio para o mar;  
No macio balanço da tua ponte  
Todos nós de Manaus, em ti, deixamos  
Uma pegada da vida que partimos  
Dentro em pouco será simples lembrança,  
Pois, tuas linhas arquitetônicas serão  
Destruídas, apagadas, distorcidas  
Em nome de um progresso que une poucos  
Gozarão. Toda a história se repete.

"Roadway" dos ingleses engenheiros  
Ou "ródo" dos caboclos de Manaus!

Aqui fica este adeus de quem te viu, menino



E, por ti - uma vez - partiu sonhando  
Os mais belos sonhos que que sonhar eu pude.

Adeus, velho roadway flutuante,  
Docemente embalado pelos ritmos  
Das morenas águas do rio negro. É  
Chegado teu fim. Exige-a assim  
este rude imperativo do progresso.  
Mas, em mim, como te vi, hás de ficar;  
Dourado pelos raios do sol quente  
Ou banhado pelas pratas do luar.

*O presente texto decorre do original localizado nos arquivos da Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto (1999). Julga-se ser primeira edição e serve para homenagear o ilustre religioso, professor, escultor e filósofo.*